

## MATA-ME DE AMOR

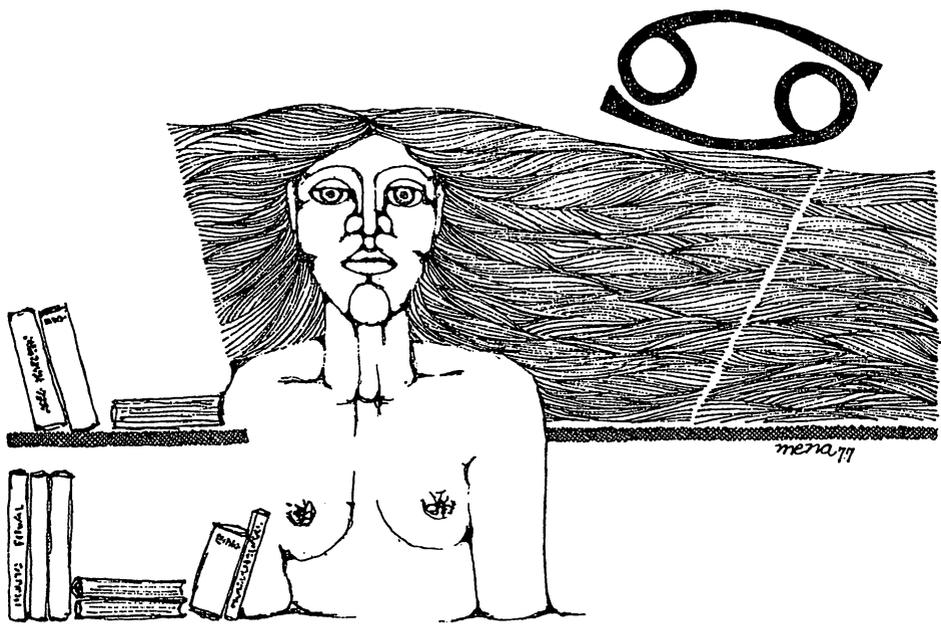
PIRATA

Lúcia Castelo Branco

Naquele dia fazia muito frio. Aline acordou — usava meias vermelhas e gorro e dormia de casaco por cima da camisola — ficou olhando pro teto como fazem essas moças do cinema ou da televisão. Porra de repente o frio aumentou — quase que me esqueço que preciso levantar logo, já deve ser tarde. Levantou-se, foi à cozinha, botou água pra ferver pro café. Ia caminhando mole, as veias da perna roxinhas de frio. Agora já não parecia mais a moça do cinema ou da televisão. Só pelo cabelo duro de laquê e de ferro quente, aquele mau hálito de dentes amarelos, aquela cara amarrada de ressaca, a gente não teria mais dúvidas. Em cima da mesinha o telefone cortado e a conta do gás pra pagar. Só então se lembrou quê que estava fazendo aquela água no fogo pro café, se não tinha gás não tinha fogo. Onde há fumaça há fogo — pensou — sua mãe e aquela mania de ditados, coitada, bem que não merecia morrer daquele jeito mas é isso aí, quem tudo quer tudo perde. É isso aí, o jeito era tomar banho e café frio, ainda bem que era Nescafé, graças a Deus, esses milagres da civilização como economizam tempo. Por falar em tempo olhou pro relógio velho em cima da geladeira. Mais um relógio velho que voltava a funcionar graças ao Uri Geller. E esse Uri Geller que tesão de homem que era e que pronúncia, minha nossa senhora, que pronúncia no inglês. Ficou pensando world essa é a palavra mais difícil que eu não consigo mesmo pronunciar. Sim, por que ela aprendia inglês por correspondência, os disquinhos e livretos che-

gando uma vez por mês com um pequeno atraso e frete a pagar, mas ela insistia em aprender por que seu sonho sempre foi ser secretária bilingüe. Tenho que ser rápida, já são quase três horas, preciso tomar banho, aí meu deus aquela água fria, lavar cabeça, fazer touca e pintar unha, buscar minha bota no sapateiro. Chegou na janela da área. Também com esse frio a gente não tem ânimo de sair, nem parece que hoje é sábado. Olhou pra cima — merda de se morar toda uma vida em quitinete, um dia ainda saio daqui — o único pedacinho de céu que dava pra se ver estava cinza. Olhou pra frente, estava dentro do apartamento do vizinho. O filho do vizinho, um meninão retardado todo se rindo e mexendo contorcido de risos safados de prazer. Que merda, a gente não tem o direito de manter nem mesmo a própria individualidade — falou alto pra ver se ele ouvia — ele continuou rindo e se mexendo do mesmo jeito — ela saiu e foi pro banheiro satisfeita com o período que acabara de construir. Gostava dessa palavra individualidade. Ficou repetindo baixinho pra ver se guardava. Essas palavras eram necessárias, de uma hora pra outra podia precisar, ainda mais hoje à noite na festa. Escritores? — ela ia se lembrando da cara de espanto que fez quando a amiga lhe disse que a festa seria na casa de um escritor e que lá estariam certamente milhões deles. Essa sua amiga fazia teatro na Escola de Artes Dramáticas e era muito bem relacionada. «Você precisa é tomar cuidado pra não cair em lugar-comum. Tente parecer o mais enigmática possível. Os escritores gostam de gente assim. Pense numas frases bem ambíguas.» E, até que o que ela disse sem querer pro retardado pegava bem. Seria prudente, no entanto, tirar o merda; soa muito comum e além disso não é ambíguo porra nenhuma. Ficava bem assim: Não se tem o direito de manter nem mesmo a própria individualidade. Restava só aguardar o momento de dizer a frase exata.

A água estava realmente gelada e cada vez mais as veias da perna iam ficando mais roxas. Quando me casar vou pedir pro meu marido contar todas as pintas do meu corpo. Acho que tenho mais de mil. Bem que podia dizer isso pro escritor,



conforme fosse o rumo da conversa. E se ele insistisse, na hora em que estivessem na cama, depois de já tê-lo feito lhe contar todas as pintas, ela o faria somá-las, subtraí-las, ver qual a parte do corpo que tinha mais. De repente se lembrou que os escritores têm pavor de matemática, ela é que era viciada, mania de tanto trabalhar em escritório de contabilidade. Não, quando eles estivessem na cama, ela lhe diria alguma coisa bem poética como por exemplo: Mata-me de amor! Era ousado mas de qualquer forma bem poético e ao mesmo tempo mórbido (ao gosto dos escritores modernos), além de ser também ambíguo: a morte poderia ser real ou metafórica e ainda bem que ele era escritor e naturalmente preferiria as metáforas.

As mãos são muito importantes numa mulher — manchete da Capricho — preciso tomar cuidado pra não tirar bife. Esse esmalte vermelho sangue me fica muito bem. Exótico. Exótico como eles, os escritores. Nunca tinha conhecido um, nunca tinha visto um de perto. «A festa vai ser sensacional, vai ter uma reunião de todos eles — a amiga tinha dito — é verdade que não há nenhum muito famoso mas são todos muito bons. Além de serem latino-americanos, o que está muito em moda, são todos marginalizados.» E ela já imaginava aqueles marginais, tipo Ramiro da Cartucheira, olhos fundos e vermelhos, barba por fazer, magros, tristes, exóticos. «Vêm escritores de todo o Brasil. Têm muitos de Minas. Dizem que lá é que têm os mais legais.» Um mineiro. Ê, o seu havia de ser mineiro. Tinha uma prima em Belo Horizonte que sempre dizia que os homens de lá são bárbaros. E além de tudo eles adoram as cariocas. Mas com escritores é diferente — pensou. De qualquer forma prefiro um mineiro. Já tinha ouvido falar dos poetas e contistas mineiros e sempre teve vontade de ter um. Mata-me de amor — pensou de novo — o imperativo pegava bem e ainda com o uso do tu. Ninguém diz que essa minha peruca é Kanekalon. Ê, ficava melhor mesmo é de cabelos soltos, revoltos ao vento, os escritores preferem as coisas ao natural. Mas ninguém vai desconfiar mesmo que a minha peruca é Kanekalon. A

roupa de Jeans colada no corpo, a bota vermelha até o joelho com a calça pra dentro feito bombacha. Ficou bonito. Meu deus, eu não consigo fazer pintura sóbria como eles gostam. Sem querer exagero, de exagerada que sou. E saiu correndo que, puta merda, o relógio do Uri Geller já marcava nove e quinze. É lógico que o perfume foi Patchouli, o que não podia faltar.

Na rua o frio estava bem pior. Eu, pra falar a verdade, não gosto mesmo de frio. Sim, chamo-me Aline. Sim, o nome da filha do Gauguin, nome de brisa. O meu signo é câncer, qual é o seu? Chovia uma chuvinha fina, a casa do tal escritor era na Avenida Atlântica no Leme e ela lá no três e meio. Ônibus difícil, o jeito era ir a pé. Arriscou levar o guarda-chuva, não, não pega bem com a minha roupa. Dane-se, melhor chegar de guarda-chuva que toda molhada. O porteiro do edifício tentou barrá-la na portaria, pô, será que eu estou com cara de puta? Não, essa maquiagem sóbria me vai muito bem. «Não senhor, eu vou pro oitavo, apartamento do senhor Alaor Lima, escritor.» Mesmo assim o porteiro não a olhou com muitos bons olhos mas terminou por deixá-la entrar.

Sim, chamo-me Aline — ia pensando. Nome de brisa, sou de câncer. Desceu no sétimo para dar um último retoque na maquiagem sóbria e passar mais um pouquinho de Patchouli. Deixou na escada o guarda-chuva. Ficou olhando com pena. Mas não pega bem com a minha roupa. Também, já estava velho mesmo, todo furado. Tocou decidida a campainha. A amiga das artes dramáticas veio atender a porta, toda de vermelho — a cor da moda — fazendo às vezes de dona de casa. Parecia que estava num palco, de tão brilhante. Aline pensou que talvez a maquiagem sóbria pudesse ter sido um pouco mais exagerada, arrependeu-se. Entrou, a sala era grande, tinha um bando de homens e umas cinco mulheres. Todos bebendo uísque. Uns muito gordos e baixinhos de camisa de tergal, outros mais altos de bigode e até um pouco bonitinhos. Alguns de óculos, mas nenhum era fundo de garrafa. A maioria era velho e tinha uns dois ou três de terno. Sen-

tou-se desanimada. Nenhum magro de olheiras, olhos fundos e vermelhos. Nenhum exótico. Nenhum. Puta merda, será que vou ter que dar pra todo esse museu? O garçon veio, ela aceitou um uísque. Antes o garçon, pensou. À sua direita, um grupinho deles discutia o caráter empresarial das editoras, o sistema, a ideologia. Lembrou-se do guarda-chuva na escada e deu vontade de ir lá apanhar de volta. A amiga brilhante vinha se aproximando com dois dos escritores pelo braço, muito risonha e falante. Apresentou-lhe os dois de uma só vez, disse: «Aline, esses são dois grandes escritores mineiros marginalizados.» Um era gordinho e baixinho, tinha um dente de ouro e usava camisa de poliéster volta ao mundo. O outro era mais alto e ria à toa de bochechinhas rosadas. Ela olhou para os dois e teve vontade de mandá-los às putas que os pariram. Lembrou-se prudente da mãe e antes um pássaro na mão que dois voando e ela ali, com dois na mão e nada. Sorriu então, no meio da maquiagem sóbria. Os olhos marrom de sombra, a boca brilhando marrom chocolate, a base brown da Avon carregando o rosto. Sorriu de olhar enigmático e sorriso ambíguo, muito branco:

— Sim, chamo-me Aline. Nome de brisa, sim. Sou do signo de câncer.